

# LIXO: DESAFIO AFRICANO E TAMBÉM ANGOLANO



## Uma pauta angolana para o lixo

No caso angolano, Luanda sintetiza vários dramas do lixo. Desde a independência, a cidade assistiu expressiva expansão demográfica, resultante da longa guerra civil. Refugiados buscavam abrigo na capital para obter um mínimo de segurança e assistência por parte do Estado.

Luanda saltou de 480.000 habitantes em 1975 para 5 milhões na virada do milênio. Hoje Luanda é a 3ª cidade de língua portuguesa do Planeta, atrás apenas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Registros oficiais informam que a capital angolana - 1/3 da população do país - responde por uma quantidade considerável de detritos: 5 mil toneladas diárias de lixo. Isto é, 1 quilo de lixo/pessoa/dia, média acima da maioria dos países emergentes.

Ademais, a partir da instauração da paz em 2002, Angola cresce em média 13% ao ano. Nos anos de pico, a taxa ultrapassou 20%. Evidentemente o novo dinamismo econômico constitui outro elemento a multiplicar o volume de rejeitos em escala nacional.

Assim, o desafio angolano na gestão do lixo envolve várias frentes. Além dos aspectos logísticos do gerenciamento do lixo, equacionar essa problemática reclama vínculo com a preservação ambiental, defesa das águas doces, conservação dos recursos naturais e o bem-estar humano. Tudo isso demanda novas metodologias técnicas, procedimentais e educacionais. Em data recente reiterou Maria de Fátima Jardim, ministra angolana do Ambiente: "Juntos estamos para combater o lixo e melhor utilizarmos os nossos recursos naturais, sem esquecermos do ambiente puro para que tenhamos um futuro melhor".

Angola tem demonstrado o quanto a paz pavimentou novas expectativas para o país. Nessa senda, a consolidação de políticas públicas para os resíduos sólidos constitui item fundamental e estratégico. Uma meta vital para a construção do país que os angolanos almejam e merecem.

## Lixo: problema crescente em África

Devemos ao célebre geógrafo Jean Gottman a observação de que a sociedade moderna gerou uma *Era do Lixo*.

Bem mais do que arroubo de linguagem, é exatamente isso que está acontecendo. Os refulgos parecem brotar de todos os lados, de todas as formas, em todas as ocasiões.

Nessa perspectiva, importa frisar que a avalanche de rejeitos não se circunscreve aos países ricos.

Muitos espaços do globo onde a geração de descartes era inexpressiva em passado recente passaram a integrar uma ciranda de ejeção de rebotalhos. Nessa conjuntura, a África não constitui exceção.

## Lixo e urbanização acelerada

Sabe-se que o continente africano foi conotado nos últimos 40 anos por uma urbanização rápida e isenta de planejamento, trazendo efeitos negativos para a gestão dos resíduos.

Recordemos que em 1950 apenas duas cidades africanas concentravam mais de 1 milhão de habitantes: Cairo (Egito) e Lagos (Nigéria). Mas em 1970 o número de urbes nessa categoria havia se elevado para 8. Em 1990, tal conjunto agregava 24 cidades.

A urbanização africana é geograficamente generalizada. Em 1950, a Swazilândia concentrava 1% da população em cidades. Em 1999, eram 33%. Na Mauritânia, o segmento urbano agremiava 3% da população total em 1950. Esse passou para 40% no final do século XX.

Metrópoles como Kartum (Sudão) e Abdijan (Costa do Marfim), cresceram mais que seis vezes em apenas quatro décadas.

O crescimento urbano africano é de tal intensidade que mesmo as modestas taxas de lixo urbano coletado de algumas metrópoles retraíram ao longo dos anos. É o caso de Nairobi (Quênia), Dar-es-Salaam (Tanzânia) e Kinshasa (Congo). Paralelamente, a produção de rejeitos não cessou. Na Nigéria, Lagos produzia 625.000 toneladas/ano em 1982; pois passou a gerar 998.000 ton/anos em 2000. Kaduna, situada no coração do território Haussá, descartava 258.000 ton/ano em 1981; pois passou a gerar 431.000 toneladas em 2000.

O resultado é que visitando cidades africanas, nos deparamos com acúmulo de lixo em *containers*, detritos acumulados nos logradouros e descartes dispostos próximos de áreas residenciais.

Em suma: o que está em curso é o ingresso da África na agenda global de problemas relacionados com o gerenciamento dos resíduos.

Contudo, lembremos **que** as mazelas do lixo não se restringem ao continente. Países emergentes como México e Turquia caracterizam-se por índices assombrosos de despejo não-normatizado de lixo. Nações afluentes como a Dinamarca, encontram dificuldades para deter a geração de rejeitos.

Outros países conseguem algum resultado positivo. Porém, apelam para ações questionáveis, lançando mão de expedientes que burlam convenções internacionais, caso da exportação ilegal de rejeitos.

Assim, lixões no Golfo do Benin são destinatários da sucata eletrônica do I Mundo, que segue cingidamente a título de "inclusão digital" de grupos excluídos. Na Somália, o litoral é alvo de descarga de lixo tóxico por parte de ações clandestinas da Máfia.

Tudo isso mostra o quanto a questão da governabilidade e do reforço do aparato de Estado em África importa para medidas efetivas de gestão ótima dos rejeitos.

### Por Maurício Waldman

Colaborador do Centro de Estudos Africanos da USP. Pós-Doutor pelo Instituto de Geociências da UNICAMP e Pós-Doutorando em Relações Internacionais na USP com Bolsa da FAPESP. Autor de vários livros, dentre os quais *Lixo: Cenários e Desafios* (Cortez Editora, 2010), obra Finalista do Prêmio Nacional Jabuti de 2011.

